



## Currículo e Formação Profissional: Cenas do Cotidiano de um Instituto de Pesquisa

**Ana Carolina Garcia de Oliveira e Maria Inês Petrucci Rosa**

Esse trabalho investiga processos identitários que ocorrem na formação do químico no contexto do currículo oferecido por um Instituto de Química de uma universidade pública, que abrangem as seguintes possibilidades de graduação: bacharelado, licenciatura e bacharelado com atribuições tecnológicas. Para isso, sujeitos imersos no cotidiano dessa instituição foram entrevistados de acordo com o princípio metodológico da narrativa, inspirada em Walter Benjamin. Como resultado da pesquisa, as análises das narrativas mostram evidências de que as identidades profissionais formadas escapam do currículo prescritivo traçando caminhos que, por vezes, se sobrepõem e se articulam com as histórias de vida.

► currículo, formação profissional, narrativa, identidades, Química ◀

Recebido em 18/09/08, aceito em 31/10/08

**E**sse artigo relata uma investigação que teve como cenário um instituto de pesquisa de uma universidade pública. O nosso interesse esteve concentrado na compreensão de processos de formação ocorridos e em ocorrência no interior desse Instituto de Química, que é responsável por um programa de graduação a partir do qual pelo menos três identidades profissionais são formadas: o bacharel em Química, o químico com atribuições tecnológicas e o professor de Química.

Para configurar a pesquisa, nossas inspirações teóricas são do campo do Currículo na perspectiva da cultura e também do campo da História, mais especificamente, com as noções de memória e narrativa. Para isso, teóricos como Stuart Hall e Walter Benjamin são centrais nas tessituras teórico-metodológicas que fazemos nesse processo de investigação.

### **Currículo: Como? O quê? Por quê?**

Ao falar sobre currículo, estamos considerando-o não como algo dado e pronto, mas sim como criação e invenção do discurso. Em outras pa-

lavras, isso também significa assumir sua não neutralidade, bem como as relações de poder envolvidas em sua trama, procurando romper com uma visão simplista de que, para elaborar ou compreender um currículo, basta resolver o “como” ensinar determinado conhecimento aos estudantes. Nesse sentido, é necessário também problematizar “o que” deve ser ensinado e que jogos de poder estão envolvidos na seleção e organização do que se ensina.

Mais do que isso, é preciso questionar: o que deve ser considerado como conhecimento válido? Para quem esse conhecimento é útil? Quais são as relações de poder envolvidas nos processos de seleção de conhecimentos que resultaram nesse currículo? Desse modo, há um deslocamento na ênfase dos aspectos ligados ao currículo, anteriormente baseados exclusivamente em noções pedagógicas de ensino e aprendizagem, para uma focalização nos conceitos de poder, discurso e cultura. Em outros termos, não entendemos o currículo apenas como um conjunto de saberes previamente determinados e inquestionáveis. Ao

contrário, entendemos que esse é um campo de luta em torno de significações que produzem identidades imbricadas num jogo de poder.

Nesse contexto, desenha-se nosso cenário de pesquisa: o Instituto de Química aqui investigado oferece um curso de graduação em Química, que formalmente pode prover seus estudantes com três possibilidades de credenciamento, como já citamos: bacharel em Química, químico com atribuições tecnológicas e professor de Química. Interessa-nos saber: no cotidiano desse Instituto, que jogos de poder essas três identidades profissionais engendram? Que disputas acontecem na cultura dessa instituição em relação à formação dessas identidades profissionais?

### **O cotidiano de um Instituto de Pesquisa – identidades em movimento**

Tem-se nesse trabalho, como hipótese, que cada nomeação/titulação profissional – bacharel, bacharel com atribuições tecnológicas, licenciado – imprime diferentes identidades aos sujeitos experientes desse currículo (Larrosa, 2002). O aluno ingressante no Instituto pode se titular em até

três modalidades correspondentes àquelas acima citadas. A configuração de tais identidades acontece por diferentes interpelações, pois o que se espera do bacharel é diferente do que se pretende com o bacharel com atribuições tecnológicas e do que se deseja do licenciado formado na instituição.

A identidade pode ser vista como contingente resultado da intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares. Diferentes sujeitos, estando em um mesmo contexto e passando pelas mesmas experiências, produzem significações singulares. Também podemos dizer que situações peculiares fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Mesmo sendo uma única pessoa, podemos nos sentir

[...] *diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos.* (Woodward, 2004, p. 30)

Sabemos que cada experiência é única, e os estudantes podem vivenciar os mesmos acontecimentos, mas cada um os consome de maneira diferente. O estudante, após entrar na universidade, no curso de sua escolha, vivencia experiências que marcam sua identidade, marcas essas que o acompanharão durante sua vida profissional. Com esse pressuposto, tornamo-nos ouvintes das histórias narradas por ex-alunos e docentes desse Instituto de Química que, por serem prenes de significados, deram-nos pistas de como essas identidades profissionais se articulam no contexto dos programas de formação sob responsabilidade dessa instituição.

### **Partículas que trazem o sentido do todo: as mônadas**

Para nos aprofundarmos na cultura e no cotidiano dessa instituição de pesquisa, recorreremos ao conceito

de Narrativa, inspirados em Walter Benjamin. Em sua obra "O Narrador" (1987), o autor aponta a crescente perda da capacidade do homem de narrar. Os soldados quando retornavam às suas casas após um período de guerra, campos de batalha e trincheiras, traziam consigo uma imensidão de experiências, porém eram experiências incomunicáveis, tamanha a crueldade dos momentos que suportaram. Além disso, esse declínio da narrativa também é fruto do contexto social em que vivemos. Em decorrência disso, Benjamin defende a recuperação das práticas narrativas, que podem significar uma reação frente ao mundo capitalista congestionado de informações, no qual não é mais necessário interpretar os fatos, pois eles já vêm prontos e explicados, não nos permitindo aberturas para nossas próprias compreensões. Nas informações, encontramos muita tagarelice e não conselhos, ensinamentos e experiências vividas. Esses últimos, segundo Benjamin, são elementos tão caros e característicos da narrativa.

Dessa forma, procurando ouvir narrativas e não simplesmente informações, selecionamos um conjunto de depoentes que participaram dessa pesquisa. Nossos narradores são sujeitos da experiência: professores e alunos recém-egressos<sup>1</sup> do curso de Química e que, por meio de suas lembranças, dão-nos pistas de como os acontecimentos vividos dentro do Instituto marcam suas identidades. Os professores são ficticiamente denominados de André, Florindo e Ricardo. Os ex-alunos são chamados de Bianca, Milton, João, Andréa e Aline<sup>2</sup>.

Cada aluno foi entrevistado individualmente e, para cada um, foi solicitado que contasse sua experiência no Instituto de Química, suas escolhas profissionais e suas experiências mais marcantes durante a graduação. As entrevistas com os docentes também foram individuais e

a pergunta central dessas entrevistas foi: "Na sua história de vida dentro do Instituto de Química, como o senhor percebe a formação profissional do pesquisador, do professor e do químico industrial nessa instituição?". A escolha desses docentes, como entrevistados, aconteceu não só pelo seu tempo de dedicação ao Instituto, mas também pela relevância dos seus nomes na área científica em questão: a Química. Além disso, são frequentemente citados por várias gerações de estudantes como referência na pesquisa e/ou no ensino dentro da instituição.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e em seguida textualizadas para efeito de leitura. A partir da transcrição, foram selecionados alguns trechos, fragmentos de histórias, que numa perspectiva benjaminiana foram

**O currículo não é apenas um conjunto de saberes previamente determinados e inquestionáveis, mas um campo de luta em torno de significações que produzem identidades imbricadas num jogo de poder.**

chamadas de mônadas. Esse termo surgiu com Giordano Bruno, significando os elementos das coisas (Lopes, 1998). Mais tarde, foi utilizado por Leibniz como partículas que podem trazer o sentido do todo. Assim são as mônadas, que guardam consigo fragmentos de histórias e que juntas dão sentido a um contexto maior (Rosa e cols., 2007).

Passamos agora a apresentar algumas mônadas, intituladas por nós, que foram produzidas tendo como inspiração a existência de, pelo menos, três identidades profissionais em formação: o bacharel em Química (que chamamos aqui de O Pesquisador); o bacharel em Química com atribuições tecnológicas (que será chamado de O Químico Industrial) e o licenciado em Química (chamado de O Professor). Entendemos que múltiplas interpelações dissolvem, misturam e dissociam tais identidades profissionais, já que os estudantes, ao experienciarem o currículo proposto pelo Instituto, são chamados a assumir múltiplas posições, que são muitas vezes, até contraditórias.

## O pesquisador

Que Ciência?

*Durante o curso, sempre fiquei muito irritado com a posição de alguns professores, ou desgostoso do jeito que eu via, que a ciência era ensinada, ciência nos moldes científicos mesmo. Então a ciência era ensinada para ter objetivos experimentais, não para formar o profissional, para ter uma visão, para olhar para um modelo científico e criticar, mas somente para ter um profissional para, às vezes, fazer uma reação e pegar e publicar. Isso foi uma coisa que estive observando. Isso me deixou muito desgostoso e que me levou também a buscar depois a licenciatura, posteriormente junto com o mestrado, que é a área que sempre fui tentando seguir para me tornar um docente em nível superior. (Milton)*

O prêmio

*Eu gostava muito do laboratório, do pessoal que são meus amigos para o resto da vida. O ambiente era muito bom, o ambiente de trabalho. E era aquele negócio, quando dava certo, a gente gostava, quando dava errado, a gente chorava... Só que a gente tem pouco tempo na graduação para fazer qualquer coisa! Comecei a fazer iniciação científica, frequentando o laboratório num dia da semana. Mas eu sofria muito, porque coincidia justamente com os dias que o professor estava dando aula e ele não me via no laboratório. Quando ele me encontrava, sempre dizia: "ah, você não está vindo no laboratório!" E quando começa a dar errado, não tem resultado, ele acha que você não está fazendo nada. Algumas vezes, eu ia embora às 3h da manhã para poder ter resultados para depois publicar em um congresso. Na iniciação, eu*

*particpei de cinco congressos em dois anos. Eu acabei trabalhando num horário que dava certo para mim. Era assim: eu ficava até as 3 da manhã ou, outras vezes, até meia noite e ia embora para casa, escoltada pela segurança do campus. Mas gostei, gostei sim, porque ganhei um prêmio no Congresso Interno de melhor tema livre da área de Exatas. Recebi o prêmio das mãos do reitor: foi o máximo! E isso motivou bastante, apesar de ter sido um pouco no final do curso. Foi uma área que me fez conhecer outras coisas, pois estudei bastante. Eu estudava muito, li um monte de artigos, um monte... Só assim para aprender inglês, lendo artigo para iniciação. Mas eu gostei sim, foi muito bom. (Bianca)*

## O professor

Ensino tradicional

*Nós temos aqui no Instituto um grupo interessado na área de Ensino de Química e isso, em minha opinião, é bom, na medida em que ele pode auxiliar a conseguirmos um salto de qualidade no ensino que a gente oferece. Porque há uma mudança muito grande na maneira como o ensino é encarado hoje, em função até mesmo da tecnologia da transmissão de informação, que não está sendo absorvida adequadamente pela universidade como um todo. Então, até que ponto nós devemos manter um ensino tradicional em que o professor prepara suas aulas, transmite as suas idéias, usa intensamente o quadro, tenta motivar o aluno? E aqueles que estruturam sua aula usando data-show, informática, métodos mais audiovisuais etc.? Eu acho que esse grupo que tem se interessado por problemas da área de ensino tem um papel importante aqui dentro, e se o trabalho for bem dirigi-*

*do, a gente vai ganhar não só na licenciatura, mas também na área de bacharelado e de atribuições tecnológicas. (Prof. Ricardo)*

*Pesquisador-professor, não! Professor-pesquisador...*

*Eu busquei a licenciatura como uma forma de ver, de outro jeito, o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. Porque, por incrível que pareça, o pessoal às vezes dentro da universidade pergunta: "ah, o que o senhor faz? Sou pesquisador!". Na verdade, não tem vaga de pesquisador aqui, tem vaga para professor, que vai desenvolver a pesquisa. Então ele é contratado como um docente, como um professor, como alguém que vai passar um ensinamento. Desde a graduação, eu tinha uma visão que ensinar não é apenas você reproduzir o que já está em texto, num livro. Um aluno bem orientado consegue aprender por si só. Então, reproduzir o que está no livro-texto, como o que tem sido feito nas grandes universidades e todo mundo bate palma, qualquer um faz. Qualquer um se diz professor porque consegue pegar um método que já está no livro texto e passar para outra pessoa. Essa pessoa fica instrumentalizada a reproduzir aquilo que foi dito, sem pensar nas conseqüências ou nas limitações de certos modelos, nas limitações matemáticas, nas limitações de aplicação de certos experimentos. E isso tem se perpetuado. Então, busquei a licenciatura para tentar de algum jeito me alicerçar nessa busca de como vou enxergar o processo de ensino aprendizagem no Ensino Superior, não no Ensino Médio, porque tem muita coisa que é válida para mim, que eu aprendi lá, que eu uso até hoje. Não é a preocupação que eu tenho!*

*Tenho uma preocupação muito grande com os meus alunos que estão entrando no curso de Química. Por exemplo, tive alguns que eu trato completamente diferente dos alunos que eu pego na monitoria de quântica, que estão próximos a se formar. Eu os trato de forma diferente, porque uma coisa é você já estar trabalhando com pessoas que já estão numa idade avançada, no final do curso, já não são mais crianças, já amadureceram, já sofreram todo o processo da graduação. Outra coisa é você pegar um rapaz ou uma moça que saiu do Ensino Médio. Eu já vi gente chorar porque tirou nota baixa no início. (Milton)*

*Dar aulas é uma terapia para mim*

*Já sabia, desde o começo, e optei por uma carreira acadêmica, de pesquisa, para depois continuar aqui na universidade, se possível. Fiz bacharelado e agora que eu terminei o ano passado, eu pedi reingresso em licenciatura. [...] Então, licenciatura, no começo, era só para ganhar mais um diploma. Eram algumas matérias extras, pois a maioria das matérias do núcleo comum eu já tinha cursado, portanto eu teria que fazer só as disciplinas da Faculdade de Educação. Então falei, vou pegar e fazer essa modalidade para ganhar um diploma. Só que... Eu comecei a dar aulas no cursinho e para uma grande surpresa minha, foi muito bom, eu gostei muito. E é como uma terapia para mim, dar aulas é para livrar dos problemas, só pensar naquilo... (João)*

*Tinha o interesse de mudar o mundo*

*Quando entrei em Química, já queria dar aulas, porque não tenho o perfil de indústria. Não quero aquela vida de entrar às 8 [horas] e sair às 5 [17 horas], e ficar com a minha noite livre...*

*Eu tinha o interesse de mudar o mundo, e sempre senti isso na Educação. A Educação tem o poder de revolucionar, quando bem ministrada, quando bem dominada. E eu sempre senti isso na Educação, sempre senti essa força muito grande. E já entrei na Química decidida a dar aulas. Tanto que no primeiro ano de faculdade já comecei a dar aulas. (Andréa)*

## O químico industrial

*Um tumor...*

*No início dos anos 80, foram formados os primeiros “bachareis com atribuições tecnológicas”. Infelizmente, isso ocorreu no início dos “anos perdidos” do desenvolvimento industrial brasileiro, de maneira que as oportunidades de emprego em indústria já não eram muito boas. Na segunda metade dos anos 80, houve uma melhora, mas nos anos 90, houve uma outra fase muito ruim, em toda indústria brasileira. Em 92, comparado com 89, cinquenta por cento dos postos de trabalho da indústria química tinham sido fechados, portanto, realmente houve uma redução de oportunidades em indústrias. Por isso, nessa época um número cada vez maior de formados em Química dirigiu-se para a pesquisa acadêmica, com todas as distorções que já apontei. Esse não é um processo sustentável, não adianta nada eu trabalhar para formar doutores que vão fazer mais ou menos o que eu faço e que vão formar outros doutores, que vão fazer mais ou menos a mesma coisa. Especialmente se o que eu fizer for uma pesquisa que se esgota no “paper” e nos indicadores tão caros à Fapesp e ao CNPq. Este processo não é sustentável. O sistema cresce, gasta cada vez mais e não gera resultados econômicos ou estratégicos. Tudo aquilo que cresce, gasta cada vez mais*

*insumos e não produz nada útil para o organismo, em biologia, se chama tumor. Nosso sistema de ciência e tecnologia tem algumas características tumorais. Felizmente, depois do Plano Real, houve uma retomada de atividades na indústria brasileira. Isso acabou em um processo de expansão da economia global. Este provocou oportunidades de exportação, crescimento da economia interna e aumentou o número de empregos na indústria. Nesse contexto, foi criado o curso noturno de Química tecnológica. A entrada da primeira turma do curso noturno foi uma mudança muito grande. Primeiro porque o curso é de Química tecnológica, isto é, não objetiva a simples reprodução dos professores da universidade. Eu não considero que o currículo desse curso seja bom, é bastante confuso, mas é mais voltado para a formação de um profissional que possa atuar com sucesso em indústria. Uma característica importante é a seguinte: grande parte dos alunos desse curso já trabalha em indústria no momento do ingresso do curso. Eu dei aula para três turmas desse curso e pude observar algumas em que todos os alunos trabalhavam, durante o dia, em indústria química ou assemelhada. Essa é uma situação diferente da do curso diurno, porque o aluno já é um profissional técnico que está se qualificando. Por isso e apesar das deficiências do curso, acho que ele está sendo muito útil, porque qualificou gente que já estava trabalhando, já estava empregada, pessoas bem jovens, sendo que alguns tinham terminado o curso técnico um pouco antes. (Prof. Florindo)*

*A indústria até gosta!*

*O meu grande problema com a pesquisa é que sou minucioso com os mínimos detalhes.*

Então, se precisar fazer algo dez vezes para ter certeza, vou lá e faço. E dizem por aí que indústria não gosta de pessoas assim. Mas quando dei início ao mestrado, pensei em fazer mestrado, doutorado, pós-doutorado, pós-doutorado só que fui vendo que as pessoas terminavam o pós-doutorado e não tinham trabalho, terminavam o doutorado, e não tinham trabalho. E muita gente chegava para mim e falava: "Olha, o mestrado, é legal você fazer, porque indústria até gosta, mas o doutorado eles acham que o cara sabe demais e eles não gostam de gente que sabe demais, fica caro demais." Eles falam: "Para que contratar essa pessoa com doutorado que tenho que pagar tanto, se contrato um técnico que vai fazer o mesmo serviço e pago um terço do que eu estou pagando para aquele cara." Aí eu fui ficando... Era o que eu tinha falado também, que não me sentia madura para entrar na indústria. Aí, com esse tempo de mestrado - um ano e meio - já me sinto mais preparada. (Bianca)

## Conclusões

As narrativas presentes nesse trabalho trouxeram marcas de um currículo de formação do bacharel em Química que podem, de certa forma, serem distinguidas a partir daquilo que os discursos vão dizendo de quem é esse sujeito e por quais experiências ele precisa passar para se tornar um profissional. Nesse processo identitário específico, podemos perceber uma demanda de produção – artigos em periódicos indexados de alto impacto, publicações em congressos internacionais – e uma busca de resultados, organizando as equipes nos grupos de pesquisa dentro dos laboratórios. São imagens que nos vêm à medida que entramos em contato com certas histórias. Essa formação acontece no cotidiano de uma instituição imersa em uma

cultura que lhe é própria, sendo que, nesse mesmo ambiente, discursos são produzidos, formando uma rede de diferentes identidades dos futuros profissionais químicos.

É relevante notar que essa rede discursiva é produzida por todos os que dela participam, sem haver muita diferenciação entre o que dizem os docentes e o que contam os ex-alunos do Instituto acerca dos processos vividos na tessitura das identidades profissionais.

*Especialmente se o que eu fizer for uma pesquisa que se esgota no "paper" e nos indicadores tão caros à Fapesp e ao CNPq (Prof. Florindo).*

*... ter um profissional para fazer uma reação e pegar e publicar. Isso foi uma coisa que eu estive observando (Milton).*

*E quando começa a dar errado, não tem resultado, ele [orientador] acha que você não está fazendo nada (Bianca).*

Do ponto de vista dessa pesquisa, esses discursos são produzidos porque há um conjunto de práticas simbólicas acompanhadas de significações peculiares que criam o "modo de vida" do cientista e também do cientista em formação. Essa cultura profissional pode não ser particular desse Instituto, mas sim fazer parte de um imaginário social mais amplo em torno dos discursos que definem o que é ser um pesquisador.

Nesse mesmo sentido, as narrativas produzidas pelos nossos sujeitos da experiência trazem a licenciatura como formação complementar ao bacharelado. Mais uma vez, esses sujeitos são constituídos a partir de discursos que estão presentes nas histórias contadas por professores e alunos do Instituto. A profissão docente é vista mais como uma ocupação ou uma complementação do que como um ofício com saberes

teóricos importantes e próprios de um campo de pesquisa.

*Então, licenciatura, no começo, era só para ganhar mais um diploma (João).*

Nesse contexto de complementação, a formação de professores é vista como uma possibilidade de melhorar a formação profissional no próprio Instituto.

*Eu busquei a licenciatura como uma forma de ver de outro jeito, de outro ângulo, o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Superior (Milton).*

*Se o trabalho for bem dirigido, a gente vai ganhar não só na licenciatura, mas também na área de bacharelado e atribuições tecnológicas (Prof. Ricardo).*

Andrea, professora de Química formada no Instituto, é a única depoente que fala da possibilidade de "mudar o mundo pela Educação". Suas preocupações parecem ir além dos aspectos didático-metodológicos relacionados com a formação identitária docente.

As narrativas produzidas para essa pesquisa evidenciam uma ausência de discussão do contexto da Educação Básica brasileira. Alunos e professores parecem se voltar sempre para o seu próprio universo inventado: a Química, o Instituto, as produções, a ciência.

Da mesma forma que a identidade do professor de química é forjada na borda da rede dos processos identitários profissionais dentro dessa instituição, a formação do químico para a indústria também não é vista com o mesmo rigor acadêmico do bacharelado. Dessa forma, encontramos

discursos a respeito do químico com atribuições tecnológicas que preconizam um sujeito "da indústria" que não pode ser detalhista nem demasiadamente titulado.

**Ao falar sobre currículo, estamos considerando-o não como algo dado e pronto, mas sim como criação e invenção do discurso.**

*O mestrado, é legal você fazer, porque indústria até gosta, mas o doutorado eles acham que o cara sabe demais e eles não gostam de gente que sabe demais, fica caro demais (Bianca).*

O currículo que forma o químico com atribuições tecnológicas também ocupa as bordas das redes, tal como o faz o currículo de formação de professores. No entanto, as identidades professor e químico com atribuições tecnológicas quase não se tocam, pouco se tangenciam. Seus fios discursivos se prendem à identidade central a ser formada no Instituto: o bacharel, o pesquisador em Química.

Nessa rede,

[...] as identidades [...] parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (Hall, 2005, p. 75)

Todavia, lembramos que essa escolha não é fixa, está em constante movimento, sujeita a diferentes interpelações. Nesse sentido, essa pesquisa tornou evidente a possibilidade de não haver um conjunto de origens fixas para esses discursos nem tampouco um único modo de produção para eles. Os narradores entrevistados mostram, por meio do vigor de suas histórias e de suas experiências, que há diferentes lugares e tempos desse currículo que oportunizam as tensões entre essas identidades profissionais de químico, sejam elas vividas nas atividades de ensino, na convivência nos laboratórios de pesquisa, nos congressos, nas conversas de corredor, nas rodas de amigos, entre tantas outras possibilidades.

No cotidiano de uma instituição de ensino, redes de discursos, acontecimentos, memórias e verdades são construídos e vão colocando em funcionamento um jogo de identidades, que acontece no interior de uma cultura institucional, numa dinâmica quase paradoxal na qual se conjuga aleatoriedade e padrões culturais que são transmitidos de uma geração para outra.

Nesse cenário muito marcado por interpelações e oportunidades, entendendo cultura como inerente às relações sociais e como constitutivas destas, é possível visualizar movimentos que vão sendo produzidos e que vão sinalizando relações de poder existentes na constituição das identidades profissionais em formação no currículo proposto nessa Instituição de Ensino/Pesquisa.

### Notas

1. Esses estudantes concluíram (ou estavam em vias de concluir) duas ou mais modalidades curricu-

lares oferecidas pela instituição (bacharelado, licenciatura e bacharelado com atribuições tecnológicas), sendo uma delas a licenciatura.

2. Como esse artigo é relato de uma parte da dissertação de mestrado de Oliveira (2008), não será possível incluir as narrativas de todos os depoentes.

### Agradecimento

As autoras agradecem intensamente as preciosas contribuições do Prof. Dr. Aécio Pereira Chagas, do Instituto de Química da UNICAMP, sem o qual esse trabalho não teria atingido a dimensão alcançada.

**Ana Carolina Garcia de Oliveira** (acgdeoliveira@yahoo.com.br), bacharel e licenciada em Química pelo Instituto de Química da UNICAMP, mestre em Educação pela Faculdade de Educação (FE) da UNICAMP, é professora da Universidade São Francisco – campus Bragança Paulista. **Maria Inês Petrucci Rosa** (inesrosa@unicamp.br), bacharel e licenciada em Química pelo Instituto de Química da UNICAMP, mestre e doutora em Educação pela FE-UNICAMP, é professora-doutora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais da FE-UNICAMP.

### Referências

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I*. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, jan./fev./mar./abr., 2002.

LOPES, L.C. A informação: a mônada do século XX. *Ciberlegenda*, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/lclp02.htm>>. Acesso em 10 jul. 2007.

OLIVEIRA, A.C.G. *Formação profissional, narrativas e identidades no cotidiano de um instituto de pesquisa*. 2008. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROSA, M.I.P.; PAVAN, A.C.; OLIVEIRA, A.C.G.; CARRERI, A.V.; BONAMIGO, C.;

CORRADI, D.P.; PARMA, M.; RAMOS, T.A. e SILVA, M.P. Narrar currículos: inventando tessituras metodológicas. In: AMORIM, A.C. (Org.). *Passagens entre moderno e pós-moderno – ênfases e aspectos metodológicos das pesquisas sobre currículo*. Campinas: FE-UNICAMP, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

### Para saber mais:

CHAGAS, A.P. *Como se faz Química – Uma reflexão sobre a Química e a atividade do Químico*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A vida de laboratório – a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997

LATOUR, B. *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

**Abstract:** *Curriculum and Professional Education: Scenes from the everyday life of a research institute.* This work investigates identity processes that occur in the chemical formation in the context of the curriculum offered by an Institute of Chemistry in a public university, covering the following possibilities of graduation: bachelor degree, teacher course and bachelor with technological attributions. For that, people immersed in the everyday life of this institution were interviewed, according to the principle of methodological narrative, inspired by Walter Benjamin. As a result of the research, analysis of the narratives show evidences that the professional's identities formed escapes from prescriptive curriculum drawing ways that, sometimes, overlap and articulates with the stories of life.

**Keywords:** curriculum, professional formation, narrative, identities, chemistry.